

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

FELIPE FERREIRA DA SILVA

**MASCULINIDADE E DOCÊNCIA: REFLETINDO SOBRE A PRESENÇA DE
PROFESSORES DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

FLORIANÓPOLIS

2017

FELIPE FERREIRA DA SILVA

MASCULINIDADE E DOCÊNCIA: REFLETINDO SOBRE A PRESENÇA DE
PROFESSORES DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina DEF5875 - Seminário de Conclusão de Curso II, do Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura, do Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Orientador: Prof^o. Dr. Jaison José Bassani

FLORIANÓPOLIS

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

da Silva, Felipe Ferreira

Masculinidade e docência : Refletindo sobre a presença
de professores do sexo masculino na educação infantil /
Felipe Ferreira da Silva ; orientador, Jaison José
Bassani, 2017.

50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Masculinidade. 3. Docência. 4.
Educação Infantil. I. Bassani, Jaison José. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Educação Física. III. Título.

FELIPE FERREIRA DA SILVA

MASCULINIDADE E DOCÊNCIA: REFLETINDO SOBRE A PRESENÇA DE
PROFESSORES DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 27 de novembro de 2017



Prof^o. Dr. Jaison José Bassani - Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof^o. Ms. Miraira Noal Manfroi - Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof^o Juliano Silveira - Membro
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof^o Carlos Ewerton Fernandes Palheta - Membro
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

DEDICATÓRIA

Á todos os professores, segue a dedicatória:
“Educar é viajar no mundo do outro, sem nunca penetrar nele.
É usar o que passamos para transformar no que somos.”

Augusto Cury.

AGRADECIMENTOS

Ao meus pais dedico todas as minhas conquistas e superações, a eles sou grato pela vida, por me estruturarem a ser quem sou hoje, por todo o apoio, suporte para que eu pudesse estudar e realizar meus sonhos. Meu amor e admiração por vocês não têm palavras que possam descrever!!

Agradeço a toda a minha família por sempre me apoiarem a estudar, a não desistir do que eu acreditava ser certo para mim! Meus primos, minhas primas, tios, tias independentes de que parte que seja, minha madrinha e minha querida vózinha, agradeço a todos vocês por acreditarem sempre na minha capacidade de conquistar qualquer tipo coisa.

Aos meus amigos e amigas de infância, agradeço por estarem sempre juntos de mim, tentando manter contato mesmo com a distância. Principalmente a Vanessa e Gabriela, que não deixaram a distância criada pelas nossas rotinas nos afastar.

E as amigades que fiz durante esse meu percurso na universidade, agradeço por fazerem parte da minha história, muitos de vocês fizeram com que eu crescesse academicamente, me encaminhando a ter boas experiências como discente e docente, e mais especificamente agradeço a Jéssica Dias por ter sido uma dessas primeiras pessoas que me incentivaram e me impulsionaram a ter todas essas experiências. Agradeço também a meu amigo e parceiro Vinicius, umas das primeiras pessoas que encontrei quando entrei na UFSC, desde então criamos um vínculo diferenciados de todos, além de parceiros de faculdade nos tornamos, parceiros de trabalho e acredito, e espero que continuaremos assim para a vida também.

Agradeço também a Jéssica Suellem, Jéssica Sandra, Camila, Claudio e Vivian, por trazerem para minha vida a sinceridade e a cumplicidade que é uma amizade espontânea e verdadeira, com o direito de termos todos os tipos de sentimentos uns com os outros.

De todo esse período na graduação, agradeço a todos os professores que tive a oportunidade de conhecer, ter aulas e trabalhar junto. Destes agradeço também a toda a coordenação do curso, que sempre se mostram interessados a ajudar. Prof^a Cintia e

Rafael, obrigado por toda atenção, dedicação de vocês por nós acadêmicos da educação física.

Agradeço ao Colégio de Aplicação UFSC, PIBIC, NDI e PIBID, e a todos os docentes e discentes envolvidos, por todas as experiências e conhecimentos adquiridos e trocados nos períodos que pude participar de cada um.

Agradeço a APABB, por ter acreditado no meu potencial e fazer eu ser hoje um profissional mais responsável!

E hoje agradeço ao professor Jaison, por aceitar a fazer parte da construção desse trabalho, mesmo com pouco tempo, acreditou comigo que ainda era possível desenvolver.

Agradeço a banca, por aceitarem, mesmo com pouco tempo, a fazer parte deste trabalho. E agradeço também aos professores que aceitaram fazer parte deste trabalho.

E por fim, agradeço a Deus por ter colocado todas essas pessoas na minha vida, por ter me dado a oportunidade de passar por todas essas experiências e por continuar me guiando para bons caminhos, me encaminhando para novas conquistas.

RESUMO

Ao refletir sobre a educação infantil e os docentes que lá atuam, logo temos a percepção que nesta etapa da educação, o predomínio feminino é muito maior que o masculino. A presença do profissional masculino na educação infantil, ainda gera desconforto na sociedade, pois a educação infantil ainda passa a ideia de segundo lar, onde a visão de cuidado e segurança se passa todo pelo universo feminino, podendo dificultar a atuação dos homens como professores na educação infantil. A partir disso o objetivo deste trabalho é investigar a percepção de professores homens atuantes na educação infantil sobre a presença masculina nessa etapa da educação básica, buscando nos específicos são descrever a trajetórias dos docentes na educação infantil; compreender como se estabelecem as interações entre os/as diferentes profissionais, homens e mulheres, as famílias e as crianças; problematizar acerca do trabalho docente masculino na educação infantil; identificar como os professores são vistos na educação infantil. Participaram desse estudo três professores que atuam na área da educação infantil e que já atuaram, sendo que dois são professores pedagogos (formandos em pedagogia) e um professor de educação física. Como instrumento de coleta de dados foram utilizados um roteiro de entrevista semiestruturada aplicado de forma individual, se apoiando eixos norteadores, como trajetória dos professores, inserção a educação infantil que direcionava os pesquisados a falar sobre as suas percepções da educação infantil, docentes e dificuldades. Com a análise das entrevistas, os relatos dos professores mostram que a educação infantil é um ambiente rico de possibilidades, mas também cheio de eventualidades, mas também nos faz entender que as dificuldades iniciais são comuns, e com o tempo, a experiência faz com que qualquer eventualidade seja possível de resolver, superando algumas barreiras impostas historicamente pela profissão.

Palavras Chaves: Masculinidade; Docência; Educação Infantil.

SUMÁRIO

1.	Introdução	10
1.1.	Contextualizando do problema.....	10
1.2.	Objetivo Geral.....	12
1.3.	Objetivo específico	12
1.4.	Justificativa.....	12
2.	Revisão de literatura.....	13
2.1.	Educação infantil.....	13
2.2.	Educação Física na escola.....	18
2.3.	Relações de gênero e construção da docência masculina na educação infantil.....	20
3.	Procedimento de pesquisa e Metodologia.....	23
4.	Discussão.....	24
4.1.	Apresentação dos entrevistados.....	24
4.2.	Trajetórias dos entrevistados.....	25
4.3.	A inserção dos professores no mundo educação.....	26
4.4.	A inserção dos professores no mundo educação infantil.....	27
5.	Considerações Finais.....	33
6.	Referências bibliográficas.....	35
7.	Figura.....	38
8.	Anexos.....	39
8.1.	Roteiro de entrevista semiestruturada.....	39
8.2.	Transcrição das entrevistas.....	39

1. INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTUALIZANDO DO PROBLEMA

Ao refletir sobre a educação infantil e os docentes que lá atuam, logo temos a percepção que nesta etapa da educação, o predomínio feminino é muito maior que o masculino na educação e no cuidado direto das crianças pequenas. A presença de homens nessa etapa da educação básica é uma “novidade de gênero” e se vincula às recentes conquistas no campo das políticas para a infância (RAMOS; XAVIER, 2010).

Por experiências próprias, tive a percepção que nessas primeiras etapas da educação, a presença das professoras (mulheres) como docentes era muito maior do que a presença de professores homens. Segundo Sayão (2005), na educação pré-escolar, 94% dos docentes atuantes são mulheres, e apenas 6% dos homens atuam como docentes na educação infantil.

Os números de docentes masculinos na educação infantil são realmente inferiores comparando com as docentes do sexo feminino, mesmo com um aumento desses números com relação aos professores do sexo masculino nos últimos anos, os dados do censo da educação no Brasil, divulgado pelo Ministério da Educação em 2009, informam que o número de homens atuando diretamente com crianças em creches e pré-escolas gira em torno de 6%. Todavia, esse número se reduz para 2% quando se trata da docência das crianças de zero a três anos.

Expresso em números, significa dizer que, nesse período, havia 336.186 docentes atuando na educação de crianças de zero a seis anos de idade no Brasil, apenas 11.415 se declaram pertencer ao sexo masculino.

Ainda com os dados sobre a docência, em uma entrevista feita pela página de notícias online Uol Educação, a porcentagem não é muito diferente da estimativa dada por Sayão em 2005. Na entrevista feita pela Uol, os dados são tirados do censo da educação básica disponibilizados pelo INEP para divulgação, são referentes aos anos de 2007 e 2016, com esses dados o grupo Uol fez um comparativo entre os anos, mostrando a nível nacional a quantidade de professores que atuaram na educação infantil e dividindo os docentes por gêneros em porcentagem. Figura 1.

Apesar de numericamente ser insignificante o número de professores do sexo masculino atuando nestas instituições,

sua presença, dada às especificidades que o trabalho com as crianças pequenas suscita, é motivo de estranhamento por parte não só das mulheres profissionais de creches, como também das famílias das crianças que frequentam estas instituições (SAYÃO, 2005).

O baixo número de docentes do sexo masculino no campo educacional faz com que a área da educação, principalmente na educação infantil se torne predominantemente um ambiente feminilizado. O reflexo de estar em número significativamente reduzido na área da educação, pode fazer com que alguns professores que adentram na educação infantil, passem por algumas dificuldades no início das suas docências, com relação ao corpo docente, crianças e famílias.

Pude presenciar também que uma das barreiras enfrentadas que podem desanimar e desestimular os professores que atuam na educação infantil pode ser o mesmo sentimento de desânimo que eu tive em alguns momentos como estagiário. Algumas famílias demonstram uma certa desconfiança, receio de deixar suas crianças sob o cuidado de docentes do sexo masculino, deixando-as apenas com docentes do sexo feminino ou quando alguém de referência, que normalmente eram mulheres, nos identificava como professores/estagiários, só assim as famílias passavam a nos reconhecer como profissionais e a confiar um pouco nas nossas responsabilidades. Esses acontecimentos, que acredito que ocorra em outras instituições também, podem por sua vez transpassar para os pequenos a insegurança, e dificultando de certa forma o contato professor-alunos (as).

Acredito que para os docentes da disciplina de educação física, essa tal desconfiança era menor por parte das crianças e até por parte dos pais mesmo, pois a disciplina se tornava atrativa para elas, e acredito que para eles é esperado a presença dos docentes masculinos para a disciplina. Percebemos que:

[...] número de professores de educação física era bastante significativo, enquanto que o de pedagogos era quase inexistente. Esse cenário reforça a representação que aponta ser a disciplina Educação Física o lugar esperado para ser ocupado pelos professores homens no contexto escolar (JACQUES; JAEGER, 2017).

Talvez, a educação física não seja o alvo de tantas desconfianças, não só pelo fato de a disciplina ser o lugar onde são esperados o maior número de professores

homens, isso pode acontecer também pelas formas que são organizadas a disciplina nas creches e pré-escolas, onde normalmente a disciplina de educação física é articulada em conjunto com os docentes titulares de sala, os professores raramente estão sozinhos com as turmas e estão constantemente em contato com o corpo docente. Pode ser que esses fatores passem credibilidade e confiança para os pais, diminuindo as desconfianças com os professores de educação física.

1.2. OBJETIVO GERAL:

- Investigar a percepção de professores homens atuantes na educação infantil sobre a presença masculina nessa etapa da educação básica.

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Descrever a trajetórias dos docentes na educação infantil.
- Compreender como se estabelecem as interações entre os/as diferentes profissionais – homens e mulheres - as famílias e as crianças.
- Problematizar acerca do trabalho docente masculino na educação infantil.
- Identificar como os professores são vistos na educação infantil.

1.4. JUSTIFICATIVA

O interesse em pesquisar sobre a presença e a ausência de professores do sexo masculino na educação infantil, veio através de algumas experiências que tive durante alguns estágios que eu fiz na minha graduação nessa etapa do ensino, na escola, nos anos iniciais, eu era o segundo estagiário homem que atuava ali, no andar dos anos iniciais na escola, e notei muito a ausências de professores homens e até mesmos estagiários no período que fiquei por lá. E outra instituição que fiz estágio também, desta vez era em uma creche, tinha apenas um professor e um funcionário, e além de mim, tinha mais dois estagiários, era um número maior, mas comparado ao corpo docente como um todo, éramos poucos. E então em reflexões feitas em rodas de conversas entre alguns amigos e colegas de serviços/estágios, esbarramos na questão que ainda é difícil ver um número maior de professores na educação infantil, como em creches e na primeira etapa do ensino fundamental (pré-escola).

Essa discussão, torna-se importante para a educação e para os docentes formados e para os que estão em formação, poderem refletir sobre as questões de gênero e fatos que acontecem dentro das instituições de ensino, com relação a essa “novidade de gênero” (o sexo masculino) na educação e cuidado com as crianças pequenas.

A presença do profissional masculino na educação infantil, ainda gera desconforto na sociedade, pois a educação infantil ainda passa a ideia de segundo lar (SAYÃO, 2005), onde a visão de cuidado e segurança se passa todo pelo universo feminino, trazendo para os dias atuais, a visão ultrapassada, que apenas a mulher deve estar em frente dos cuidados do lar, da família, dos trabalhos domésticos, e os homens feitos para os trabalhos braçais, com o dever de manter a casa, o sustento da família.

Para além de uma noção binária de divisão sexual do trabalho, em que os homens estão inseridos em atividades profissionais produtivas (para fora/pública) ou aquelas de capital intensivo e/ou de que as mulheres estão mais destinadas a trabalhos reprodutivos (para dentro/privado) caracterizados pelo trabalho doméstico, cuidados com a prole e pela prestação de serviços; postulamos a noção de que a educação e o cuidado infantis são constructos culturais e sociais (GIBIM; LESSA, 2011).

Com a experiência que tive durante esses períodos de estágios docente, acredito que este trabalho é importante para refletir sobre a docência na educação infantil e ressaltar a importância dos docentes masculinos, assim como as docentes femininas, e do trabalho em conjunto entre homens e mulheres para a educação, e para a boa convivência das crianças com os adultos de ambos os sexos, dentro e fora das instituições, como afirma Lars Gunnarsson (1994).

2. REVISÃO DE LITERATURA

Para entendermos um pouco mais sobre a docência dos masculinos na educação infantil, no cuidado das crianças pequenas. O referencial teórico sobre os tópicos: educação infantil e educação física na escola e relações de gênero e a construção da docência masculina na educação, são essências para a progressão do trabalho.

2.1. EDUCAÇÃO INFANTIL

O marco no século XIX, com relação as creches e pré-escolas, foram as divergências de direitos impostos entre as classes sociais das crianças. Caracterizados

pelos órgãos de assistência sociais, as crianças de famílias menos favorecidas recebiam um atendimento diferente das crianças de famílias mais abastadas, que tinham a oportunidade de usufruir de um modelo diferente de atendimento com práticas escolares (BRASIL, 2013). Deste modo, a educação de crianças pequenas acabou sendo fragmentada, iniciando uma dualidade entre os conceitos de “cuidar e educar”. Estes conceitos não eram utilizados em conjuntos, nos primeiros lugares que atendiam crianças pequenas, uns utilizavam mais o conceito de cuidar, estes atendiam as crianças de famílias mais pobres, que recebiam um atendimento vinculado a atividades ligadas ao corpo, a higiene, ao sono e a alimentação.... Enquanto para as classes mais favorecidas com o conceito de educar, tinham assim o privilégio de desfrutar das experiências de atividades mais intelectuais (BRASIL, 2013).

Nessa dicotomia das atividades, as crianças mais pobres não tinham um atendimento adequado e voltado também a educação, com atividades mais pedagógicas, quais eram e são consideradas importantes para o desenvolvimento intelectual das crianças.

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche (DIDONET, 2001, p. 13).

Os primeiros lugares que começaram a atender crianças pequenas no Brasil, surgiram nos meados do século XIX, estas atendiam primeiramente os filhos das mulheres da corte, que não cuidavam e não mostravam seus filhos para a sociedade, por serem muitas vezes filhos de pais desconhecidos “[...] eram sempre filhos de mulheres da corte, pois somente essas tinham do que se envergonhar e motivo para se descartar do filho indesejado” (RIZZO, 2003, p. 37). Então procuravam deixar esses filhos sob o cuidado de mães mercenárias, que eram mães que ainda não trabalhavam fora de casa ou para a indústria que crescia naquela época, e se disponibilizavam a cuidar dos filhos

das moças que trabalhavam para essas indústrias e também das moças que pagavam por estes serviços:

O nascimento da indústria moderna alterou profundamente a estrutura social vigente, modificando os hábitos e costumes das famílias. As mães operárias que não tinham com quem deixar seus filhos, utilizavam o trabalho das conhecidas mães mercenárias. Essas, ao optarem pelo não trabalho nas fábricas, vendiam seus serviços para abrigarem e cuidarem dos filhos de outras mulheres. (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, que antigamente eram dominados pelas fabricas; criou se uma necessidade para essas trabalhadoras de terem que levarem seus filhos muitas vezes para os serviços, pois não tinham com quem deixá-los. Desse modo “[...] as primeiras tentativas de organização de creches, asilos e orfanatos surgiram com um caráter filantrópico, com o intuito de auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa e as viúvas desamparadas” (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

Na década de 80 as discussões sobre a educação de crianças pequenas começavam a ganhar proporção. A educação em geral passou a ser um componente extremamente importante para o desenvolvimento das crianças.

Essa procura da classe média ocorreu devido ao contexto econômico e político presente nas décadas de 70 e 80 que propiciou um movimento de luta pela democratização da educação pública brasileira, realizado, principalmente, pelos operários e pelas feministas (OLIVEIRA, 1994).

Visto a importância da educação na vida das crianças pequenas a Constituição Federal de 1988 traz, em seu artigo 208, o inciso IV: o estado passa a assumir o dever de garantir efetivamente a oferta e o atendimento em creche e pré-escola as crianças de zero a seis anos de idade.

A partir dessa Lei, as creches, anteriormente vinculadas à área de assistência social, passaram a ser de responsabilidade da educação. Tomou-se por orientação o princípio de que essas instituições não apenas cuidam das crianças, mas devem, prioritariamente, desenvolver um trabalho educacional. (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

Esta lei coloca a criança no lugar de sujeito de direitos, sugerindo a mudança das concepções dessas instituições com relação intencionalidade das atividades/trabalho desenvolvido com essas crianças. É claro, que existe uma distância entre a proclamação de direitos na forma de lei e a sua consolidação prática, porém esse foi um marco decisivo para o início de uma longa busca do verdadeiro caráter que as instituições de Educação Infantil devem assumir (CERISARA, 1999).

A partir disso, o estado trabalhou intensamente para consolidar esses direitos às crianças; logo após da lei de 1988 da constituição federal, foram lançados o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) que inclui-os, como cidadãos, sujeitos de direitos em 1990.

Em seguida surgiu, a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que trata da composição dos níveis escolares, trazendo a educação infantil como a primeira etapa da educação. Essa Lei define que a finalidade da educação infantil é promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Art.29, a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Art. 30, a Educação Infantil será oferecida em creches para crianças de até três anos, e pré-escolas para crianças de quatro a cinco (BRASIL, 1996).

Quanto a organização, as Diretrizes Curriculares abordam:

As instituições de Educação Infantil estão submetidas aos mecanismos de credenciamento, reconhecimento e supervisão do sistema de ensino em que se acham integradas (Lei nº 9.394/96, art. 9º, inciso IX, art.10, inciso IV e art.11, inciso IV), assim como o controle social. Sua forma de organização é variada, podendo constituir unidade independente ou integrar instituição que cuida da Educação Básica, atender faixas etárias diversas nos termos da Lei nº 9.394/96, em jornada integral de, no mínimo, 7 horas diárias, ou parcial de, no mínimo, 4 horas, seguindo o proposto na Lei nº 11.494/2007 (FUNDEB), sempre no período diurno, devendo o poder público oferecer vagas próximo à residência das crianças (Lei nº 8.069/90, art. 53) (BRASIL, 1998).

Passando a garantir o atendimento para todas as camadas da sociedade, o Parecer do Conselho Nacional de Educação, traz na revisão da DCNEI de 2009, que:

A função das instituições de Educação Infantil, a exemplo de todas as instituições nacionais e principalmente, como o primeiro espaço de educação coletiva fora do contexto familiar, ainda se inscreve no projeto de sociedade democrática desenhado na Constituição Federal de 1988 (art. 3º, inciso I), com responsabilidades no desempenho de um papel ativo na construção de uma sociedade livre, justa, solidária e sócio ambientalmente orientada (DCNEI, 2009).

A DCNEI (2009), traz também que: “Um bom planejamento das atividades educativas favorece a formação de competências para a criança aprender a cuidar de si. No entanto, na perspectiva que integra o cuidado, educar não é apenas isto. Educar cuidando inclui acolher, garantir a segurança, mas também alimentar a curiosidade, a ludicidade e a expressividade infantis”.

Educar de modo indissociado do cuidar é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações, fazendo perguntas etc) e construir sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato de cada criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças (DCNEI, 2009).

Com algumas dessas orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, os professores podem se apropriar desse documento, dentre outros para qualificar a sua atuação conforme for surgindo exigências do ensino.

Pois com a alta procura das famílias, muitas legislações foram criadas para tornar homogêneo o atendimento nessa área da educação:

As instituições de educação infantil no Brasil, devido à forma como se expandiu, sem os investimentos técnicos e financeiros necessários, apresenta, ainda, padrões bastante aquém dos desejados [...] a insuficiência e inadequação de espaços físicos, equipamentos e materiais pedagógicos; a não incorporação da dimensão educativa nos objetivos da creche; a separação entre as funções de cuidar e educar, a

inexistência de currículos ou propostas pedagógicas são alguns problemas a enfrentar. (BARRETO, 1998, p. 25).

Para enfrentar esses problemas, os profissionais que atuam na educação infantil, podem se apropriarem dos documentos disponibilizados pelo MEC e participar de forma efetiva dos cursos de formação. E junto com a instituição, buscar trabalhar em conjuntos com as famílias, para que a realidade social não venha interferir de forma negativa no processo educacional das crianças pequenas.

2.2. EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

A educação física no contexto escolar, teve seu início aos meados do século XIX, na sua particularidade, seu principal objetivo era manter os conceitos elaborados naquela época sobre o corpo e a utilização da força e trabalho (SOARES, 1999).

As primeiras tendências pedagógicas para a educação física no Brasil, que começou a se identificar com algumas dessas tendências pedagógicas, que naquela época nortearam dando rumos a disciplina, inserindo-a nas instituições de ensino.

Em 1930, as primeiras tendências que identificou a educação física nas instituições, foi a higienista, que por suas vezes trazia mais visão médica para a educação do corpo, onde visavam garantir a formação de homens e mulheres sadios, fortes e dispostos à ação.

Uma segunda tendência é a militarista que se manteve até, aproximadamente, 1945 e tinha como objetivo preparar uma juventude capaz de suportar o combate à luta e a guerra, tendo como papel principal colaborar no processo de seleção material, eliminando os fracos e premiando os fortes, no sentido de depuração de raça. (GALLARDO, 2005).

Visto pela inserção da Educação Física no Brasil, que o seu surgimento se deu pelos movimentos higienista e militaristas predominantes naquela época. Sendo assim, a Educação física, naquela época, era sinônimo de promoção de saúde física e mental. (SOARES, 1994).

Nesta mesma época, na década de 30 e 40, essas tendências que nortearam a educação física no seu surgimento, levaram a tomar outro rumo, com características ainda militarista, a educação física começou a se tornar uma disciplina mais militarista,

preparando as juventudes para o cumprimento dos seus deveres com a nação. A Educação Física foi destacada como formadora da consciência patriótica por meio do aperfeiçoamento e adestramento físico, da disciplina, da moral, etc (MELLO, 2001).

Com essas características, a educação física chegou a ter um cunho mais esportivizado, devido aos treinamentos impostos, até mais ou menos as décadas de 70 e 80. Sendo assim, parar para pensar na educação física dentro do ambiente escolar nesta época parecia ser inviável, com um didática engessada, a educação física ficava estagnada a certos padrões imposto e referentes aquela época.

A partir dessa época, começaram a ser discutidas e analisadas as propostas pedagógicas para a formulação de uma educação física que se contribui para o conhecimento voltado também para o cognitivo. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabeleceu obrigatoriedade da disciplina de Educação Física no ensino básico (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) (METZNER, 2006).

Apesar de ter sido estabelecida a obrigatoriedade da disciplina, que já foi um avanço, a educação física começou a encaminhar seu curso nas instituições de ensino, mas sem uma base, sem um critério de ensino, causando descaracterização da disciplina com relação, diminuindo a sua importância.

Numa perspectiva de Educação Infantil que considera a criança como sujeito social que possui múltiplas dimensões, as quais precisam ser evidenciadas nos espaços educativos voltados para a infância, as atividades ou os objetos de trabalho não deveriam ser compartimentados em funções e/ou especializações profissionais. Entretanto, a questão não está no fato de vários profissionais atuarem no currículo da Educação Infantil. O problema está nas concepções de trabalho pedagógico desses profissionais que, geralmente fragmentam as funções de uns e de outros se isolando em seus próprios campos. “[...] Portanto, não se trata de atribuir “funções específicas” para um ou outro profissional e designar “hora para a brincadeira”, “hora para a interação” e “hora para linguagens”. O professor de Educação Física deve ser mais um adulto com quem as crianças estabelecem interações na escola. No entanto, só se justifica a necessidade de um profissional dessa área na Educação Infantil se as propostas educativas que dizem respeito ao corpo e ao movimento estiverem plenamente integradas ao projeto da instituição, de forma que o trabalho dos adultos envolvidos se complete e se amplie visando possibilitar

cada vez mais experiências inovadoras que desafiem as crianças (SAYÃO, 2002, p. 60).

Refletir sobre educação física na educação infantil é desafiador, sobretudo quando pensamos em possíveis tensões existentes na presença do profissional de educação física inserido no ensino de zero a seis anos. Estamos falando da relação entre professor especialista atuando junto com o unidocente (pedagogo) (CAVALARO; MULLER, 2009).

Diferentes profissionais podem atuar num mesmo currículo com as crianças pequenas, desde que assumam a ideia de formação solidária. Ou seja, uns e outros compartilham experiências que têm como fim a qualidade do trabalho desenvolvido. A troca constante dos saberes deve prevalecer sobre as atitudes corporativas que colocam a disputa pelo campo de trabalho acima das necessidades e interesses das crianças (SAYÃO, 2002, p. 60).

E a educação infantil permite isso, dependendo das propostas curriculares das instituições, os trabalhos desenvolvidos de forma articulada entre os professores de sala e educação física, ganham mais consistências, trazendo para os alunos uma gama de possibilidades e experiências.

2.3. RELAÇÕES DE GÊNERO E A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Refletir sobre gênero na sociedade, nunca foi uma tarefa fácil, as subjetividades geradas pelo assunto, nos leva a diversas concepções. Para Joan Scott (1995), no seu estudo (Gênero, uma categoria útil de análise histórica), ela traz que na gramática, o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Podendo assim, ser um termo que busca:

Englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas em processos que diferenciam mulheres e homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção e distinções – biológicas,

comportamentais ou psíquicas percebidas entre homens e mulheres [...] (MEYER, 2010, p. 16).

Com a conjugação dessas duas visões, passo a entender que o termo serve para trazer uma visão mais ampla sobre sexo (masculino e feminino). Quero assim dizer: “O termo "gênero", [...] é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro” (SCOTT, 1995). Ou seja, é quase impossível refletir apenas sobre história de um, sem considerar a história do outro.

Para Scott (1995), "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. “[...] tornando-se uma forma de indicar construções culturais” -a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de representações sociais/culturais que são impostas sobre um corpo sexuado, formando por sua vez, identidade subjetivas de homens e mulheres.

[...] não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Em outras palavras, o corpo é generificado, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele (GOELLNER, 2010, p. 75).

Quando a autora coloca na frase: “o corpo é *generificado*”, entende-se que a representação corporal na visão biológica, traz de maneira evidente as diferenças naturais entre homens e mulheres. Comparando essas diferenças biológicas, “Essa forma de concebê-lo estabelece hierarquias buscando justificativas para as supostas diferenças tomando o corpo como princípio explicativo para as variações nas habilidades e capacidades humanas, o que, em nossos dias, graças à agilidade e força da mídia, repercute de maneira decisiva nas representações acerca dos papéis de homens e mulheres contribuindo sobremaneira para a difusão de ideias essencialistas” (SAYÃO, 2005).

De acordo com a ideia de essencialista da pesquisadora Deborah Sayão (2005), as representações dos papéis de homens e mulheres passa a ideia que as funções sociais, são determinadas de acordo com as características biológicas de cada sexo, deste modo, podemos pensar na organização da sociedade com relação as áreas de trabalho por sexo.

O mercado de trabalho (um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção de gênero), a educação (as instituições de educação somente masculinas, não mistas, ou de co-educação fazem parte do mesmo processo) (SCOTT, 1995).

A educação nesse aspecto, se torna um bom exemplo a ser destacado, tanto como uma área do mercado de trabalho, quanto a educação a ser ensinada. No caso desta pesquisa, a docência é o ponto onde a nossa reflexão sobre a generificação do corpo, se torna plausível para a realidade da sociedade atual.

A segregação do mercado de trabalho, nos dias atuais está bastante reduzida, depois das lutas traçadas pelos direitos a igualdade pelos movimentos feministas nas décadas de 60 e 70. Como destaca Sayão (2005) em seu estudo:

[...] foi a divisão dos papéis sociais entre homens e mulheres e a reivindicação de uma cidadania feminina em igualdade com a masculina o ponto nodal de aproximação das mulheres que procuraram resgatar a posse de seus próprios corpos e/ou de sua sexualidade como no caso da luta pela descriminalização do aborto e as denúncias contra todas as formas de violência. [...] igualmente debateram, de forma ampla, o lugar da mulher na sociedade, as questões trabalhistas, os estereótipos femininos que a mídia, a escola e a religião veiculavam, entre outros temas. Ou seja, as mulheres tornam público que, se elas foram oprimidas durante séculos pelo regime patriarcal, chegou a hora de ocupar espaços públicos exigindo igualdade de direitos com os homens (SAYÃO, 2005).

A generificação das profissões determinadas pelas características da sexualidade, quero assim dizer, quando o trabalho é regido por ações mais sutis, como acontece nas profissões de cozinheiro, costureira e até mesmo professoras da educação infantil, a supremacia nessas áreas é feminina. Assim como acontece também de a supremacia ser masculina, nas profissões onde o exercício exija ações de uso da força e da postura rígida, como pedreiro, policial e na educação de ensino médio e até mesmo o ensino fundamental.

Tais representações acabam reproduzidas nas práticas escolares. Por essa razão, acredita-se ser melhor o homem ficar com as turmas mais difíceis, pois as chances de ele

controlá-las parecem ser maiores do que se uma mulher as assumisse. Esses estereótipos de masculinidade e feminilidade ainda são muito recorrentes em diferentes espaços sociais (JAEGER; JACQUES, 2017).

Sendo assim, a ideia de que “[...] o homem que seja bravo, forte, disciplinador, enquanto que se acredita que a mulher tenha o coração “mole”, seja frágil e terna. (JAEGER; JACQUES, 2017)”. Definem posições a serem ocupadas pelos sujeitos e coloca a eles o que é aceitável e inaceitável, devido a essas concepções de estereótipos de masculinidade e feminilidade presentes no contexto escolar.

[...] a escola e o trabalho pedagógico são atravessados por representações de gênero, as quais naturalizam certos atributos e características que marcam os limites e possibilidades de cada homem e cada mulher, acabando por definir aquilo que seria próprio de um. (JAEGER; JACQUES, 2017).

A atuação masculina na educação infantil, pode acabar se tornando limitada, quando o interesse desses professores é exercer a função como titular da sala e não de auxiliar, isso pode acontecer mais pelas especificidades da função/trabalho. Diferentemente dos professores de educação física que trabalham na EI, que também pela especificidade do trabalho e pela rotatividade da disciplina, não se encontram tão presentes nos cuidados diários (as alimentações, as trocas e os banhos...) das crianças pequenas.

3. PROCEDIMENTO DE PESQUISA E METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, onde o pesquisador pode com mais flexibilidade interpretar as informações coletadas dos sujeitos pesquisados, com objetivo de compreender, descrever e refletir tentando explicar os fenômenos condizentes com o interesse da pesquisa (CAVALCANTE; DANTAS, 2006).

Sendo assim, a pesquisa com abordagem qualitativa, abre a possibilidade para a entrevista ser semiestruturada, podendo assim ser executada com uma certa liberdade para o pesquisador e o sujeito pesquisado explanarem suas ideias espontaneamente.

A pesquisa foi feita com professores que estão atuando e já atuaram na educação infantil, através de uma entrevista semiestruturada. Esta pesquisa se apropria do método descritivo fenomenológico idealizado por Edmund Husserl (1900). Este método foi

escolhido para eu poder evidenciar os fenômenos relatados pelos pesquisados, podendo refletir de forma aberta as suas experiências com as minhas experiências sanando as minhas dúvidas como pesquisador e complementando com algumas ideias de alguns outros autores.

A descrição fenomenológica é fundamental, porque o nosso olhar habitual não nos permite evidenciar o fenômeno em si mesmo. Nessa abordagem o pesquisador considera sua vivência em seu mundo vida, uma experiência que lhe é própria, permitindo-lhe questionar o fenômeno que deseja compreender. (SILVA; LOPES; DINIZ, 2006).

A entrevista ocorreu de forma individualizada para cada professor, em datas e lugares diferentes. Para a coleta de dados, foi utilizado a um gravador de áudio, para captar todas as informações. A entrevista semiestruturada, contou com o auxílio de um roteiro base que serviu de apoio, se caso faltasse alguma questão a ser discutida. Para discutir os resultados, primeiros fiz a transcrição de todas as entrevistas separadamente, uma de cada vez, após transcrever, separei os pontos que achei mais relevantes para ser utilizados, então na discussão, descrevi as repostas relevantes para o meu trabalho fazendo um comparativo entre as respostas dos pesquisados, refletindo sobre seus relatos.

4. DISCUSSÃO

4.1. APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS:

A entrevista foi feita com três professores que atuaram e ainda atual na educação infantil. Dos três professores, apenas um é formado em educação física, o professor que identificaremos como Professor A, os outros dois são formados em pedagogia, que serão identificados como Professor B e Professor C.

Professor A tem 54 anos. Natural de Brasília, Distrito Federal, mora há 37 anos em Florianópolis. Graduado em Educação física (plena) na UFSC, e especializado em fisiologia do exercício.

Professor B tem 52 anos, Natural de Florianópolis, 24 anos na área da educação, não trabalha mais como professor. Graduado em pedagogia na faculdade de educação FAED-UDESC e é especializado em ensino de séries iniciais e na educação infantil.

Professor C tem 40 anos, natural de São Paulo, está a 8 anos em Santa Catarina na grande Florianópolis. Graduado em pedagogia na UNICAMP e especializado em educação infantil.

4.2. TRAJETÓRIAS DOS ENTREVISTADOS:

A primeira análise feita dos professores foi sobre as suas escolhas pelas graduações em licenciatura. Para os professores A e B, ingressar nas universidades foi uma das primeiras opções que surgiram para eles quando terminaram o ensino médio.

O professor A comenta que ingressou na universidade logo após o término do ensino médio, sem muito tempo para pensar, logo entrou para a faculdade e a escolha do curso se deu pela afinidade com esportes individuais e ao ar livre e natureza (esportes de aventura), com o interesse de trazer esses gostos a sua profissão, decidiu por cursar educação física. E comenta que durante a graduação, passou em um concurso para funcionário público federal, onde chegou a ter em alguns momentos, desânimos e vontades de desistir dos estudos, pela correria que era trabalhar e estudar em lugares distantes e onde ele trabalhava era rentável, isso fez com que ele tivesse muitas dúvidas sobre qual profissão seguir, mas conseguiu manter-se com as duas funções e finalizando a faculdade, continuou como funcionário público federal exercendo uma profissão distante do curso no qual era formado, até o setor onde ele estava trabalhando ser extinto; foi onde despertou o interesse dele de se reaproximar da educação física, mas não tinha ideia de ser professor.

Já o professor B comentou que com o término do ensino médio, a pedagogia foi o que apareceu no momento, mesmo sem ter muito interesse acabou passando e ao passar, por já estar lá, acomodado, decidiu continuar com o curso, mas ele ressalta que naquela época tinha o pensamento que não queria de forma alguma ser professor. Pois seu interesse na época era cursar psicologia e ou biologia, mas mesmo assim continuou na pedagogia até o final.

Já o caso do professor C, ocorreu de forma diferente, ele ingressou no mercado de trabalho ainda em São Paulo, ao terminar o ensino médio, para poder ter uma renda

que o mante-se estável, mas o trabalho no qual estava não era rentável, e não tinha nenhuma ligação com a educação, o professor comenta que nesta época ele estava decidindo se continuava ou tentava entrar na área da educação, pois a família de sua ex mulher o incentivava a cursar uma licenciatura, pelas oportunidades de trabalho que estavam aparecendo e o fato de poder ser professor de crianças pequenas foi o que fez ele realmente escolher pelo curso de pedagogia.

Dos entrevistados, o Professor C, foi o único que não ingressou de imediato no curso de licenciatura, teve outras experiências e profissões, mas também foi o único que entrou na graduação sabendo o que realmente queria, ser professor. Diferentemente dos professores A e B, que ingressaram sem ter um objetivo claro e convicto.

4.3 . A INSERÇÃO DOS PROFESSORES NO MUNDO DA EDUCAÇÃO:

Na entrevista os professores falaram um pouco de como foi a entrada deles na educação. O professor A diz que caiu de “paraquedas” na educação infantil, tinha o interesse de se reaproximar da área que era formado, mas não sabia que sua transferência de setor como funcionário público federal seria diretamente para uma escola de educação infantil dentro da universidade, onde a educação física está incluída como um projeto pedagógico e não com uma disciplina, podendo assim ser planejado e articulado em conjuntos com os professores de sala.

Já o professor B conta que fez o concurso do estado para auxiliar de sala, trabalhou durante 4 anos assim, na maior parte do tempo com os anos iniciais, e quando surgiu o concurso de efetivo para a rede de Florianópolis, ele fez e passou, a partir daí começou a atuar como professor titular na educação infantil.

O Professor C ao terminar a sua graduação, passou a entregar seu currículo nas instituições e uma delas foi no Centro Social Marista, que o chamou para trabalhar em Serraria, São José, assim se deu a sua vinda para Santa Catarina. Nas instituições maristas, isto em 2009, ele começou a trabalhar como coordenador do ensino fundamental I (anos iniciais). Lá trabalhou por um ano e oito meses, e logo depois fez um concurso para ACT em Florianópolis, a partir daí começou a atuar na educação infantil.

Entrar na área da educação foi o primeiro passo para eles, analisando a inserção dos professores na área educação, podemos notar que o B e C, iniciaram suas carreiras diretamente no ensino fundamental I (anos iniciais), ainda não como professores propriamente ditos. Ainda nessa etapa da educação, os professores relaram uma certa frustração com o ensino fundamental I. O professor B conta que sofria muito assédio moral, exploração. Já o professor C diz que é desanimador ver pouco progresso dos currículos educacionais, principalmente dos anos iniciais. Por esses motivos os dois professores decidiram que o próximo passo de suas carreiras, era tentar a educação infantil.

4.4. A INSERÇÃO DOS PROFESSORES NO MUNDO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

As entradas desses professores na educação infantil ocorreram de formas distintas, notamos que as situações e sentimentos são diferenciados pelas experiências que os professores tiveram antes de se inserirem na área, e suas características individuais, suas personalidades também são fatores que podemos considerar para as diversidades de ações e reações que surgiram ao longo de suas carreiras na educação infantil.

O professor A, quando “paraquedou” na instituição de educação infantil depois de 10(dez) anos afastado da área da educação física, diz desde então para entrar na educação infantil “[...] foi uma descoberta total, que foi bom, pois consegui vencer um ranço com a educação, sem sentir muito as dificuldades que existia nesse meio”. Quando o professor diz que tinha um ranço com a educação, era pelo fato de nunca na vida ter o interesse de ser professor de escola, e de repente estava dentro de uma instituição de educação infantil. Desde de então, foi se adaptando, conhecendo o ritmo da escola, das colegas professoras e das crianças, e como estratégia, ele fez uma articulação com as professoras, participando das aulas, das reuniões e se adequando aos estudos sobre a educação infantil e sobre a educação física na infância com a Professora do centro de desportos, que lhe ajudou a entender um pouco mais sobre esse meio.

Diferentemente do professor B, que mudou para o ensino infantil para poder ter essa experiência, ele relatou que depois que passou para a rede de Florianópolis, e começou a atuar na creche, ele diz que foi um pouco mais complicado, sendo professor

titular das turmas. Então ele relata: - *“A educação em si, ela é mais feminina nos primeiros anos, na educação infantil..., mas fui com a cara e a coragem, fui me adaptando, desde colocar uma fralda nas crianças, que eu não sabia como colocava, mas fui aprendendo”*.

Na procura por experiência também, o professor C, relata que a educação infantil era a sua última tentativa de continuar na educação, pois não teve uma experiência muito boa com o ensino fundamental I. O professor conta que no começo da sua atuação no NEI, foi difícil, pois ainda carregava consigo as marcas do ensino fundamental e de sua formação em informática, que não o ajudavam nos planejamentos para o ensino infantil, ele lembra que suas primeiras conversas com a diretora e com a auxiliar de sala, eram sobre isso, pois sua escrita era muito técnica e que ele tinha que repensar, assim ele foi se adequando as exigências da educação infantil.

Podemos perceber que todos os professores procuram primeiramente a se adaptar ao meio no qual estavam se inserindo, uns mais individualmente e outros procurando dicas e conhecimento através das colegas, de professores e estudos.

A adaptação desses professores na educação infantil, foi essencial para o início dos seus trabalhos como professores, mas sabemos que nesta etapa da educação, há poucos homens atuando. Então os professores comentaram como foram recebidos nas instituições de ensino infantil.

O professor A, diz que se sentiu abraçado pelo corpo docente, pois um homem chegando na instituição era uma novidade, mas uma novidade boa, que não assustava. O professor levantou também que antes de o verem como homem, ele sentiu que o viam como o ser humano, com suas características que estava chegado ali, em um ambiente extremamente feminino. Características essas que são o gostar de desafios, ligadas aos esportes e outras sutilezas que ele tem adquirido com a vida, como toda a sua bagagem cultural e de vivências que sempre foi respeitosa com relação a outros seres humanos, que para o professor veio a convergir com a perspectiva da escola, que traz a percepção, a leitura do ser em que está ali em movimento e desenvolvimento. E isso para ele foi muito bom, pois fez as relações serem mais espontâneas, excluindo a possibilidade de dificuldades nas interações; E o diálogo com as professoras foi o que fez a proposta da educação física na escola ser mais consistente.

Já o professor B, como tinha citado anteriormente, diz que a educação em si, já é mais feminina e nisso ele lembra que logo que foi para os anos iniciais, onde não existia professores de sala homens, somente ele, mas que por outro lado, os professores de educação física homens tinham em maior número.

Percebemos que o número de professores de educação física era bastante significativo, enquanto que o de pedagogos era quase inexistente. Esse cenário reforça a representação que aponta ser a disciplina Educação Física o lugar esperado para ser ocupado pelos professores homens no contexto escolar (JACQUES; JAEGER, 2017). Essa noção encontra ancoragem na própria história da área, cujo enfoque *esportivizador* emergiu e, por muito tempo, se sustentou, e ainda se sustenta, como um espaço de afirmação e reafirmação da masculinidade referente, a qual se ampara na força, virilidade e agressividade masculinas (SABO, 2002).

Então lá, ele se sentiu mais amparado e com um pouco mais de segurança para atuar, até porque o professor homem naquela instituição não era mais uma novidade. Mas depois que passou para a rede de Florianópolis, e começou a atuar na creche, ele diz que foi um pouco mais complicado, que foram os fatos citados anteriormente, as questões de higienização. Mas foi bem recebido, mesmo que no início tenha causado mais estranhamento para os pais, do que para as crianças e docentes. E ressalta que o estranhamento dos demais no início é uma coisa normal, pois você é novo no ambiente e as pessoas ainda não te conhecem, diz que com o passar do tempo, o convívio faz o ambiente fique agradável para trabalhar. Para o professor C, aconteceu de forma parecida, ele conta que no NEI, ele era o segundo homem que trabalhava lá, o outro professor era de educação física, então não houve muito estranhamento no início.

Nessas narrativas podemos perceber que os professores de educação física não são vistos como um algo estranho na educação infantil, ou com olhares de desconfiança como relata o professor B ao contar um caso que lhe ocorreu na escola, o professor conta que recebeu uma reclamação de uma mãe que o filho tinha dito que um homem estava no banheiro das crianças, o caso foi resolvido rapidamente pela supervisão e direção da escola ao fazer uma apresentação breve do professor de sala com a mãe deste caso.

O professor deixa a entender que o pré-conceito formado pela mãe que recebeu a notícia, é um indicativo que os pais não estão muito presentes com o dia a dia da escola e só passam a se aproximar mais da escola, quando acontecem casos desse tipo. Ele ressalta que quando ocorreu essa situação, ele ainda era novo na escola e era o único homem titular de uma sala, ele diz que tinha um professor de educação física e um vigia, homens também, porém, os mesmos não entravam no banheiro com as crianças ou faziam o trabalho de higienização, porque não existia essa necessidade de eles fazerem esse trabalho.

Podemos perceber que para os professores de sala (pedagogos), o ponto crítico onde os homens ficam realmente sob vigilância, é a questão da higienização das crianças, assim como a função de professoras (mulheres) titulares das turmas, os professores (homens) também tem o dever de cumprir com as obrigatoriedades e responsabilidades da profissão. O professor C, relatou um caso que exemplifica bem essa questão:

- Eu já passei situações por exemplo, de colegas minhas, que tem a mesma formação que eu e tudo, que faz um trabalho interessante e tal. Mas que já chegaram para mim e falaram: “ o teu trabalho não é trocar fralda, vai ficar com as crianças que eu troco as fraldas! ”, E eu tive que romper com isso, e romper eu digo assim inclusive, de certa forma fisicamente, a ponto que de um dia que a pessoa pegou a fralda da minha mão e eu tomei a fralda de volta e falei: “não, eu vou trocar!”

Então ele comenta que o sentiu com relação a essa atitude da professora: “- É muito forte isso na educação infantil, porque você é homem, então você não pode trocar as roupas das crianças.” Fazendo uma representação daquilo que ele sentia da colega professora, ele continua: “- Eu sou a professora mulher, então é a minha tarefa trocar a fralda.” E então o professor diz que teve que romper com isso, colocando sua posição como professor que também tem a mesma formação e tem a mesma obrigação e responsabilidade da função que ela de fazer as trocas das crianças, como ela tem também a responsabilidade de ficar com as crianças na hora da troca.

A docência na Educação Infantil é construída por meio do trabalho diário de homens e mulheres, e não está determinada por uma estrutura de gênero que seria o ponto fundamental da profissão (JACQUES; JAEGER, 2017).

Portanto, essas construções podem evidenciar diferentes masculinidades e feminilidades como processos relacionados ao contexto pedagógico, assim como aos profissionais que ali atuam, denotando um mundo social em que as identidades e subjetividades se entrecruzam, interferindo, assim, nas interações que acontecem nesses espaços (SAYÃO, 2005).

Convergindo os relatos dos professores B e C, é possível identificar dois impasses que fazem o exercício da função dos professores homens na educação infantil oscilar no dia a dia: O primeiro seria a falta de participação dos pais com o contexto escolar, não saber direito quem são os professores dos seus filhos, pode gerar à primeira vista um pré-conceito, julgamento e desconfianças, como vimos no relato do professor B, ele deixa a entender que o pré-conceito formado pela mãe que recebeu a notícia, é um indicativo que os pais não estão muito presentes com o dia a dia da escola e só passam a se aproximar mais da escola, quando acontecem casos desse tipo. E o professor C coloca que quando chegava as reuniões de final de ano, os pais chegavam para conversar com ele, como ele relata: “- *alguns pais, principalmente de crianças mais pequenas e na maioria das vezes de meninas, no final do ano, nas reuniões, confessavam que ficavam apavorados e com pensamentos: - nossa, professor homem, isso não vai dar certo de jeito nenhum...*”. Falas como está traz a percepção de um pré-conceito, questionando as potencialidades do professor de exercer a função na área da educação infantil.

Com apenas 2,9% de presença na docência para a faixa de 0 a 6 anos, o professor do sexo masculino na Educação Infantil se apresenta como minoria, causando estranhamentos por parte da escola como também da família, vivenciando várias situações durante sua prática docente que levam a questões como preconceito, desvalorização do trabalho desse profissional e construções que envolvem toda a comunidade escolar, justamente por estarem “invadindo” um espaço historicamente dominado pelas mulheres levantando a uma discussão sobre a questão de gênero (SILVA, 2014).

E isso nos leva ao segundo impasse, alguns docentes da educação infantil ainda têm os seus direitos de exercer a função de forma igualitária negadas pelas colegas de trabalho, o professor C faz um apontamento sobre o assunto dizendo:

- Quando a profissional mulher, se colocava nessa forma, estava subtendido também da posição dela, que trocar fralda era só uma função de cuidado, e como cuidado cabe a mulher e não ao homem, porque o homem é descuidado, atrapalhado....

Segundo o professor C, fatos como esses reproduzem uma ideologia machista, atribuído por uma questão biológica. Impasse como esses pode gerar desconfortos e esgotamentos dos profissionais durante suas carreiras como professores da educação infantil, fora outros que também podem desestimular os docentes, como cita o professor:

- É desanimador ver suas colegas de instituição, não se apropriarem dos estudos feitos nas formações se tornando repetitivas as aulas. A falta de condições de trabalho, falta de recursos e assistência das prefeituras, e falta de reconhecimento dos professores pelos cargos políticos também desanimam.

Alguns desses aspectos também são levantados pelo professor B, quando ele fala da falta dos professores homens na educação infantil, o professor destaca que existem vários fatores, um deles é a sociedade machista, que diz que cuidar é coisa de mulher e homem não se mete a fazer isso. E outro fator pode ser também o baixo salário, os professores ainda não recebem o que deveria receber, e isso para muitas pessoas é um fator desmotivante. E ele faz uma pequena reflexão com esses dois fatores, dizendo:

- E outra, como é que um professor de educação infantil, pode estar casado, manter a sua casa, sua família com o salário que ganha? Então ele prefere que a mulher trabalhe naquilo e ele procura outro trabalho onde ele ganhe melhor para poder prover a sua casa com melhor qualidade! Entende!? Então acho que são esses preconceitos aí que fazem com que os professores do sexo masculino não estejam mais presentes na educação infantil.

Sendo assim, observa-se que os baixos salários e o baixo status social ainda são impeditivos para que homens ingressem na carreira de professores na EI. Essa posição coaduna com o contexto social e cultural que, em muitos casos, ainda exige que o homem seja o provedor da família, o que se torna difícil com a remuneração paga a esses trabalhadores (JACQUES; JAEGER, 2017).

Apesar das barreiras impostas pela profissão, o professor A, não relatou nenhuma dificuldade no exercício da profissão, diz que ali ocupa um cargo de técnico

de educação física (praticamente um coordenador da educação física na escola) e ele fica bem aberto para tocar o projeto de uma forma agradável que o satisfaz profissionalmente, não trabalhando somente para o ensino (dando aula para as crianças), mas também contribuindo formação de muitos acadêmicos que passam por lá.

O professor C, que relatou que seus maiores desafios foram com as colegas docentes, mas diz que o espaço da educação infantil é onde ele se sente mais à vontade para seguir atuando, pois o vínculo dele com a dimensão artística é muito forte e a educação infantil permite e possibilita que ele trabalhe com isso (músicas, estilos músicas e estilos de se vestir) com as crianças, e ele ressalta: - *E eu sou defensor da ideia de que isso deveria sair do âmbito só da educação infantil e contaminar de forma positiva os outros seguimentos da educação também!* E conta que ainda tem a vontade de trabalhando com as crianças do G1, pois atualmente têm trabalhado com o G3.

Já o professor B, não exerce mais a profissão de professor e que no momento ainda não voltaria, pois quando saiu, saiu decepcionado com a falta de progresso dos ensinos, as propostas curriculares de algumas escolas estão ultrapassadas e para ele é desmotivante chegar em um determinado ano escolar e ver as crianças ainda sem saber ler e escrever direito. Mas se fosse para voltar, ele voltaria para a área na qual se especializou, que é o ensino para os anos iniciais, pois é um público no qual ele gosta mais de trabalhar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos dos professores mostram que a educação infantil é um ambiente rico de possibilidades, mas também cheio de eventualidades, é preciso ter “jogo de cintura” para superar algumas barreiras impostas historicamente pela profissão. Assim como ocorre em quaisquer outras áreas que existem no mercado de trabalho.

Trago em consideração a importância do trabalho em conjunto dos docentes de ambas os sexos na área da educação, com esse trabalho e esses relatos foi possível entender que as dificuldades iniciais são comuns, mas com o tempo, a experiência faz com que qualquer eventualidade seja possível de resolver, como foi feito pelos professores formados em pedagogia, e também pelo professor de educação física.

Destaco os professores de pedagogia, pois eles estão mais expostos e suscetíveis aos olhares de desconfiança e preconceito da comunidade que os norteiam, penso que para esses professores, o apoio e suporte da direção, coordenação e corpo docente, são fundamentais no combate a esses pré-conceitos criados em cima desses professores homens, esse suporte e apoio poderia vir com reuniões de apresentação dos professores de forma geral a cada semestre, reforçar a importância do acompanhamento das famílias na vida escolar das suas crianças, isso amenizaria essas as desconfianças e desconfortos gerados por pré-conceitos e pré-julgamentos.

Para os professores de educação física, as dificuldades parecem ser menores, ou reduzidas na área da educação. Talvez isso ocorra por fatores históricos que predeterminam os lugares de homens e mulheres nas áreas de atuação profissional, assim como ocorre com a educação infantil. Mas também pode ser por conta do projeto construído para a disciplina nas instituições e da proposta curricular das mesmas, fazendo com que os professores de educação física estejam sempre articulados com as (os) professoras (os) de sala, neste caso, o trabalho em conjunto diminui as eventualidades e desconfortos com o corpo docente e as famílias.

A educação de forma geral precisa de professores que gostam do que fazem, os professores que participaram desta entrevista, pelo menos os que ainda atuam na área que são formados, mostraram satisfação pelo trabalho que fazem.... Mesmo com as dificuldades, eles mostram que desistir não vai ajudar a diminuir os problemas que existem na área da educação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, G. (São Paulo). Uol (Ed.). **Educação infantil é lugar de homem? Eles mostram que sim.** 2017. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/09/02/educacao-infantil-e-lugar-de-homem-eles-mostram-que-sim.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

BARRETO, A. M. R. **Situação atual da educação infantil no Brasil.** In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil.** v. 2. Coordenação Geral de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho nacional de Educação básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.** Brasília: Parecer CNE/CEBN, 20/2009.

_____. Lei nº 9.394: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).** Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 1-9, dez. 1996.

_____. MEC/SEB. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília, 1998.

_____. MEC/SEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Brasília, 2013.

CAVALARO, A. G.; MULLER, V. R. **Educação Física na Educação Infantil: Uma Realidade Almejada.** In. Educar, Curitiba Editora UFPR, n. 34, p. 241–250, 2009.

CERISARA, A. B. **Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? Perspectiva: Revista do centro de Ciências da Educação.** Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED, vol. 17, nº Especial, p. 11-21, julho/dez, 1999.

DANTAS, M; CAVALCANTE, V. **Pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa.** Recife. 2006.

DIDONET, V. **Creche: a que veio, para onde vai.** In: **Educação Infantil: a creche, um bom começo.** Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v 18, n. 73. Brasília, 2001. p.11-28.

GALLARDO, J.S.P. (org.) **Educação física escolar: do berçário ao ensino médio.** 2. ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

GIBIM, R; LESSA, P. **Homens que cuidam: por uma política de igualdade de gênero no cuidado de crianças pequenas.** GT6- Gênero e Educação. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.** Cadernos de Formação RBCE, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopses estatísticas da Educação Básica.** Brasília, 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. >. Acesso em: 23 nov. 2017.

JAEGER, A. A; JACQUES, k. **Masculinidades e docência na educação infantil.** Revista Estudos Feministas, [s.l.], v. 25, n. 2, p.545-570, ago. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p545>.

MELLO, M. A. **A atividade mediadora nos processos colaborativos de educação continuada de professores: educação infantil e educação física.** 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

METZNER, A. C. **A Educação física na educação infantil: uma breve reflexão.** Faculdades Integradas Fafibe Mantenedora: Associação de Educação e Cultural do Norte Paulista, p. 54, 2006.

MEYER, D. E. **Gênero e Educação: teoria e política.** In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo.** 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 9-27.

OLIVEIRA, Z. M. R. de (org). **Educação Infantil: Muitos Olhares**. São Paulo: Cortez, 1994.

PASCHOAL, J. D; MACHADO, M. C. G. **A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. Revista HISTEDBR On-line, v. 9, n. 33, 2009.

RAMOS, J; XAVIER, M. C. **A presença de educadores do sexo masculino na educação e cuidado de crianças pequenas**. In: Fazendo Gênero – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 9., Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2010. p. 01-09.

SABO, D. **O estudo crítico das masculinidades**. In: ADELMAN, M; SILVESTRIN, C. B. (Orgs.). Gênero plural. Curitiba: EDUFPR, 2002. p. 33-46.

SAYÃO, D. T. **Corpo e Movimento: Notas para problematizar algumas questões relacionadas à Educação Infantil e à Educação Física**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v.23, n.2, p.55-67, jan. 2002.

SAYÃO, D. T. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2005.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, A. C. G. **Reflexões sobre o professor do sexo masculino na educação infantil**. 2014. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Departamento de Educação do Curso de Pedagogia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/Monografia.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

SILVA, J. M. O; LOPES, R. L. M; DINIZ, N. M. F. **Fenomenologia**. Reben - Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, p.254-257, 2008.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. Campina: Autores Associados, 1994.

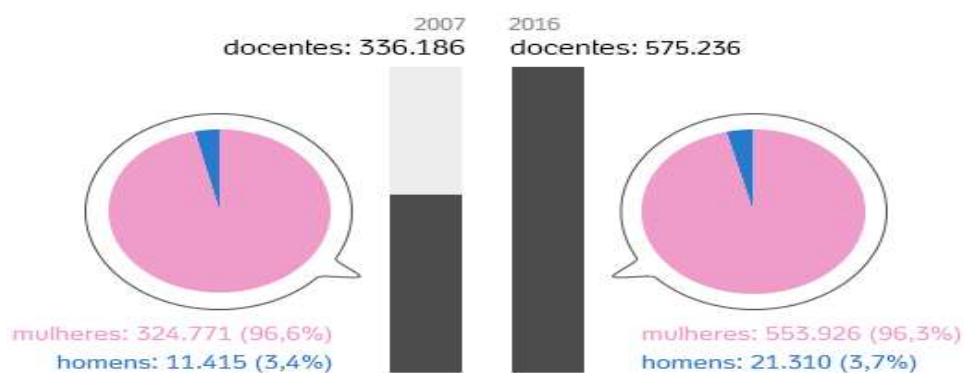
SOARES, C.L. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1999.

RIZZO, G. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

URBANO, Z. **Fenomenologia e Teoria do Conhecimento em Husserl**. Revista da Abordagem Gestáltica – XIII(2): 216-221, jul-dez, 2007.

7. FIGURA

Raio-x da educação infantil



Fonte: Censo da Educação Básica 2007 e 2016. Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira)

Arte/UOL

8. ANEXOS

8.1. ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Nome, idade, naturalidade, profissão atual...
2. Você é formado em qual curso de graduação? Possui algum título a mais?
3. Como surgiu o seu interesse em atuar como um profissional da educação infantil?
4. Atualmente, em qual rede de ensino e instituição você está atuando? Há quanto tempo?
5. Há quanto tempo você trabalha com a educação infantil?
6. Como foi a sua chegada na (s) instituição (ões) ensino de crianças pequenas, como você se sentiu no seu primeiro contato como docente na educação infantil?
7. Como você foi recebido pelo corpo docente da instituição (onde a predominância docente é feminina)?
8. Você sofreu algum pré-julgamento e ou pré-conceito, por ser um homem trabalhando na educação infantil? Como foi, como você procedeu diante dessa (s) situação (ões)?
9. Em algum momento da sua carreira na educação infantil, diante das barreiras, você já se sentiu desmotivado a continuar nessa área/etapa da educação?
10. Como você superou as barreiras, dificuldades e desmotivações que apareceram ao longo da sua caminhada como um profissional da educação infantil?
11. E com relação as crianças, houve algum estranhamento por parte delas, por ser um homem trabalhando na educação infantil, quais foram as reações delas?
12. E com os pais, quais foram as reações, estranharam, criticaram, apoiaram...?
13. Você pretende ainda continuar atuando na educação infantil?

8.2. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

1ª Professor A, 54 anos. Natural de Brasília, Distrito Federal, mora a 37 anos em Florianópolis. Graduado em Educação física (plena), e especializado em fisiologia do exercício.

Ao ser perguntado de como surgiu o seu interesse de ser professor, escolheu o curso, o professor respondeu: que ingressou na universidade logo após o término do ensino médio, sem muito tempo para pensar, logo entrou para a faculdade e a escolha do curso se deu pela afinidade com esportes individuais e ao ar livre e natureza (esportes de aventura), com o interesse de trazer esses gostos a sua profissão, decidiu por cursar educação física. Durante o curso, o professor passou em um concurso para funcionário público federal, onde chegou a ter em alguns momentos desânimos e vontades de desistir dos estudos, pela correria que era trabalhar e estudar em lugares distantes.

Ao ser questionado sobre as influências para trabalhar com a educação infantil, o professor respondeu que no início (durante o curso), entrou pensando em trabalhar com esportes fora do ambiente escolar, não se imaginava estudando para dar aula, mas a vida dentro da faculdade foi lhe guiando para outras direções... ele alegou que em alguns momentos se sentiu confuso e em decidir em que profissão iria seguir, por estar empregado como um funcionário federal, que de certa forma lhe dava um conforto, por ser, na época, um serviço rentável para quem exercia uma função administrativa, mas com o passar do tempo, o órgão onde ele trabalhava ficou instável, e com a conclusão do curso na faculdade, se deparou com novas possibilidades; por ser funcionário público federal, pediu transferência para a universidade para se aproximar tanto profissionalmente quanto academicamente do curso de Educação Física. Quando ele chegou na universidade, abriu uma oportunidade de trabalhar no NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil), pois não tinha professor de educação física naquele momento do NDI, pois a professora que estava anteriormente, teria se ausentado e assim apareceu a oportunidade de entrar na instituição, tocando um projeto de educação física lá dentro; Projeto, pois lá não existe a disciplina de educação física.

Desta forma, o professor diz que "paraquedou" na instituição de educação infantil depois de 10(dez) anos afastado da área da educação física, desde então ele diz que foi uma "descoberta total, que foi bom, pois consegui vencer um ranço com a educação, sem sentir muito as dificuldades que existia nesse meio", até por que estava anteriormente trabalhando em um serviço burocrático, e entrou de paraquedas em uma instituição que tinha uma discussão sobre a educação infantil, que estava muito além do que ele poderia imaginar. Desde de então, foi se adaptando, conhecendo o ritmo da escola, das colegas professoras e das crianças, e como estratégia, ele fez uma articulação

com as professoras, participando das aulas, das reuniões e se adequando aos estudos sobre a educação infantil e sobre a educação física na infância com a Professora do centro de desportos, que lhe ajudou a entender um pouco mais sobre esse meio.

Quando perguntei a ele, como ele foi recebido pelo corpo docente e pelas crianças, ele respondeu: que se sentiu abraçado pelo corpo docente, pois um homem chegando na instituição era uma novidade, mas uma novidade boa, que não assustava. O professor levantou também que antes de o verem como homem, ele sentiu que o viam como um ser humano, com suas características que estava chegando ali, em um ambiente extremamente feminino....; Características essas que são o gostar de desafios, ligadas ao esportes e outras sutilezas que ele tem adquirido com a vida, como toda a sua bagagem cultural e de vivencias que sempre foi respeitosa com relação a outros ser humanos, que para o professor veio a convergir com a perspectiva da escola, que traz a percepção, a leitura do ser em que está ali em movimento e desenvolvimento. E isso para ele foi muito bom, pois fez as relações serem mais espontâneas, excluindo a possibilidade de dificuldades nas interações; E o diálogo com as professoras foi o que fez a proposta da educação física na escola ser mais consistente.

A instituição, o NDI, foi e é a única experiência da sua carreira como professor, já há 20 anos na escola, e a experiência dele com a educação antes do NDI, foi nos estágios e na disciplina de educação física na infância, que para ele foi “fantástico”, se sentiu confortável para trabalhar com as crianças pequenas. Ele afirma que o curso propiciou a ele uma boa experiência, deixando-o mais preparado para a possibilidade de trabalhar nessa área, mesmo que, para ele, o curso teoricamente não prepara o acadêmico para a educação física na infância. Ele relata também que, lá na escola eles recebem muitos alunos para estágios, e percebem uma falta de conhecimento do que é a educação física na infância, e muita falta de experiência, no indica muita falta de práticas com o público alvo.

Ao perguntar se ele teria interesse de um dia trabalhar com alguma outra coisa, deixando a educação infantil de lado, ele responde que não, que como ele ali ocupa um cargo de técnico de educação física (praticamente um coordenador da educação física na escola) e ele fica bem aberto para tocar o projeto de uma forma agradável que o satisfaz

profissionalmente, não trabalhando somente para o ensino (dando aula para as crianças), mas também contribuindo formação de muitos acadêmicos que passam por lá.

Ao ser perguntado se ele já sofreu uns pré-julgamentos, pré-conceitos na instituição por ser um homem trabalhando com as crianças pequenas, ele respondeu que não, pois pela escola ser dentro da universidade e os professores são todo tratados com muito respeito, por parte dele, ele diz que os pais elogiam e ficam satisfeitos com os desenvolvimentos dos filhos. O professor coloca também que por ele ter uma vivencia com esporte e desafios, e ao trazer coisa que são um pouco mais masculinas para a escola, como construir brinquedos, fazer brincadeiras dentro dos esportes de aventura e culturais, gerando sempre desafios a serem superados pelas crianças. O professor comenta que a construção não tinha antes na escola, e quando foi proposto toda a escola e corpo docente participou. Atividades simples e masculinas que gerou muitas surpresas positivas e elogios com o trabalho que estava sendo desenvolvido, gerando comentários dos pais dizendo: “nossa! Meu filho está fazendo isso, aquilo, antes ele não fazia! Vou ter que aprender para brincar com ele” e também das professoras que comentam “ a se fosse a gente não teríamos pensado em fazer assim, talvez nem conseguiríamos fazer”. Então essas características masculinas, quando sabemos usar a favor da educação infantil, pode agregar muito, é um campo de possibilidades a serem exploradas e compartilhada com as crianças, com as professoras, com o corpo docente e com as famílias.

2ª Professor B, 52 anos, 24 na área da educação, não trabalha mais como professor, mudo para serviços administrativos na secretaria da educação. Graduado em pedagogia e é especializado em ensino de séries iniciais e na educação infantil.

Ao ser perguntado de como surgiu o seu interesse de estudar curso de pedagogia e atuar na educação infantil: o professor respondeu que com o termino do ensino médio, a pedagogia foi o que apareceu no momento, mesmo sem ter muito interesse acabou passando e ao passar, por já estar lá, acomodado, decidiu continuar com o curso, mas ele ressalta que naquela época tinha o pensamento que não queria morrer como professor. Pois seu interesse na época era cursar psicologia e ou biologia, mas mesmo assim continuou na pedagogia até o final.

Perguntei a ele como foi a entrada dele na educação, incluindo os estágios que o curso oferece? Ele respondeu: Nos primeiros 4 anos, que trabalhou para o estado na área da educação, ele exercia a profissão de auxiliar de ensino, então ele disse que teve pouco contato com as crianças e ficava pouco dentro de sala. Depois que prestou concurso para Florianópolis e se tornou efetivo da rede, começou a atuar mais dentro da sala, sendo professor titular das turmas. Então ele relata: - “A educação em si, ela é mais feminina nos primeiros anos, na educação infantil..., mas fui com a cara e a coragem, fui me adaptando, desde colocar uma fralda nas crianças, que eu não sabia como colocava, mas fui aprendendo. ” Assim então, perguntei se os profissionais que trabalhava na mesma instituição com ele, o ajudavam com essas questões de trocas e com as turmas? Ele respondeu: - “Olha, alguns não me ajudaram, depende, e assim ó, na hora que tu tá lá, faz, e faz partindo daquilo que tu sabes, que já viu e tu traz da tua família, porque essa coisa de trocar as crianças, isso não se aprende na faculdade. ” Ele diz que quando chega hora de fazer, ninguém te ajuda, e querem mais é ver como você se sai, mas que em alguns casos chegam a dar umas dicas de como fazer, como nas trocas de fraldas, por exemplo. Mas ele diz que não foi difícil de aprender tudo!

Perguntei a ele como foi para ele, entrar na área da educação como homem, sabendo que tinha poucos e por vezes nenhum? Ele responde que quando terminou a graduação e entrou para rede de ensino do estado, logo foi para os anos iniciais, onde não existia professores de sala homens, somente ele, mas que por outro lado, os professores de educação física homens tinham em maior número. Então lá, ele se sentiu mais amparado e mais segurar, até porque o professor homem naquela instituição não era mais uma novidade. Mas depois que passou para a rede de Florianópolis, e começou a atuar na creche, ele diz que foi um pouco mais complicado, que foram os fatos citados anteriormente, as questões de higienização.

Então perguntei a ele se em algum momento, ele sentiu alguma rejeição das famílias, um pré-conceito na sua carreira como professores na creche? O professor respondeu que essas situações de rejeições e pré-conceitos, acontecem por parte de famílias mais favorecidas, que a comunidade e os pais têm mais esclarecimento ou mais estudos; ele dá o exemplo de uma creche que ele trabalhou, onde a comunidade era mais carente (mais pobre financeiramente) e em nenhum momento houve casos de desconfianças por parte dos pais. Mas ele conta, que quando ele foi trabalhar em uma

creche mais favorecida, de um nível social mais alto, aconteceu que durante uma tarefa diária que era higienização das crianças, o professor foi chamado pela diretora que recebeu uma reclamação de uma mãe que recebeu a notícia do filho que tinha homem no banheiro das crianças. O professor deixa a entender que o pré-conceito formado pela mãe que recebeu a notícia, é um indicativo que os pais não estão muito presentes com o dia a dia da escola e só passam a se aproximar mais da escola, quando acontecem caso desse tipo, que foi resolvido rapidamente pela supervisão e direção da escola ao fazer uma apresentação breve do professor de sala com a mãe deste caso. Ele ressalta que quando ocorreu essa situação, ele ainda era novo na escola e era o único homem titular de uma sala, ele diz que tinha um professor de educação física e um vigia, homens também, porém, os mesmos não entravam no banheiro com as crianças ou faziam o trabalho de higienização, porque não existia essa necessidade de eles fazerem esse trabalho. O professor destaca que as crianças não tinham maldade, apenas contavam o que viam, sem nenhum tipo de pré-julgamento. O professor destaca também, que por vezes, olhares de estranhamento das famílias com relação aos homens que trabalham em creches, acontecem muito por influências dos meios de comunicação, que não por maldade, mas sim por segurança, divulgam noticiais de abuso contra crianças, ressaltando os cuidados que se deve ter com os pequenos, fazendo assim o pais ficarem mais atentos aos seus filhos quando há homens, não só professores, mas outros funcionários que trabalham nessas instituições.

Tirando esse fato, essa situação, o professor comenta que não sofreu nenhum mais tipo de pré-julgamento, rejeição, ele diz que o estranhamento dos demais no início é uma coisa normal, pois você é novo no ambiente e as pessoas ainda não te conhecem, diz que com o passar do tempo, o convívio faz o ambiente fique agradável para trabalhar. Mas ele destaca novamente, que a educação infantil é ainda uma função extremante feminina, mesmo com a entrada de vários professores (homens) na área da educação, a educação infantil tem muito ainda dos aspectos do cuidar e educar, e sempre isso coube a mãe, a mulher.... Assim ele segue com a fala: *“- Se formos nos reportar as famílias, quem foi que te educou? Eu acho que foi mãe, o pai bem pouco, o pai estava presente, mas era um presente ausente, entende!? Não era um pai que estava ali, toda hora, todo instante.... Podemos ver isso até em reuniões de escola que precisa, dificilmente os pais (homens) vão, normalmente são as mães, então isso sempre foi*

assim, mesmo que tem aumentado gradativamente a participação dos pais.... E isso se reflete assim na educação infantil com relação aos docentes. ”

Ao ser perguntado sobre a sua percepção com relação a falta de professores homens na educação infantil? O professor responde que existem vários fatores, um deles é a sociedade machista, que diz que cuidar é coisa de mulher e homem não se mete a fazer isso. E outro fator pode ser também o baixo salário, os professores ainda não recebem o que deveria receber, e isso para muitas pessoas é um fator desmotivante. E ele faz uma pequena reflexão com esses dois fatores, dizendo: “- E outra, como é que um professor de educação infantil, pode estar casado, manter a sua casa, sua família com o salário que ganha? Então ele prefere que a mulher trabalhe naquilo e ele procura outro trabalho onde ele ganhe melhor para poder prover a sua casa com melhor qualidade! Entende!? Então acho que são esses preconceitos aí que fazem com que os professores do sexo masculino não estejam mais presentes na educação infantil.

Por fim, perguntei a ele, se ele voltaria a atuar como professor na educação, ele respondeu que no momento ainda não, pois quando saiu, saiu decepcionado com a falta de progresso dos ensinos, mas se fosse para voltar, ele voltaria para a área na qual se especializou, que é o ensino para os anos iniciais, pois é um público no qual ele gosta mais de trabalhar.

3ª Professor C, 40 anos, natural de São Paulo, está a 8 anos em Santa Catarina na grande Florianópolis. Graduado em pedagogia na Unicamp e especializado em educação infantil.

O professor ao terminar o ensino médio, ingressou no mercado de trabalho ainda em São Paulo, para poder ter uma renda que mante-se estável, mas o trabalho no qual estava não era rentável, e não tinha nenhuma ligação com a educação, o professor comenta que nesta época ele estava decidindo se continuava ou tentava entrar de vez na área da educação... Foi aí que ele decidiu tentar as possibilidades de trabalhar na área na qual ele é graduado hoje, passou a entregar seu currículo nas instituições e uma delas foi a Centro Social Marista, que o chamou para trabalhar em Serraria, São José; assim se deu a sua vinda para Santa Catarina. Nas instituições maristas, isto em 2009, ele começou a trabalhar como coordenador do ensino fundamental I (anos iniciais).

Ao ser perguntado como surgiu o interesse de trabalhar com a educação infantil e de cursar pedagogia? Ele respondeu que para o curso de pedagogia, a sua maior influência foi a sua ex sogra, que na época era formada em magistério, que exercia a profissão de professora e que naquela época queria abrir uma escolinha de educação infantil, pois a família era bem afortunada financeiramente, e ele seria um dos professores que lá trabalharia. A proposta para ele foi interessante, então passou a pesquisar e conversar com as pessoas que já tinham essa graduação; com isso ele conta que deixou os interesses de fazer outros cursos, com Relações Internacionais, matemática e geografia, para cursar a pedagogia que era uma área onde ele também gostaria de atuar. Ele diz que, o fato de poder ser professor de crianças pequenas foi o que fez ele realmente entrar de vez no curso.

Ao ser perguntado sobre a sua entrada na educação infantil, seu primeiro contato com as crianças, ele fala: “- Na época eu estava meio que dando uma última cartada assim né, eu vou tentar a educação infantil, se eu não consegui me encontrar ali, talvez eu nem continue na educação. Quando sai da graduação, eu já tinha tido uma experiência no ensino fundamental que foi muito ruim assim, enfim.... Aí eu coloquei na gaveta a possibilidade de ser professor.... Como citei anteriormente, eu trabalhei um ano e oito meses no centro social Marista lá eu era coordenador do fundamental I, mas trabalhava a muito tempo em uma instituição particular e estava cansado de assédio moral, exploração e de outros tipos de violência também.... E eu decide que eu ia me dar essa chance assim! Ai a pareceu o concurso de Floripa, falei ah, vou fazer, nunca trabalhei na educação infantil, vou fazer mais uma tentativa pra continuar atuando na educação né?!” Ao passar a no concurso, o professor foi chamado para atuar no NEI São João Batista no Rio Vermelho. Ele conta que no NEI, ele era o segundo homem que trabalhava lá, o outro professor era de educação física. O professor conta que no começo da sua atuação no NEI, foi difícil, pois ainda carregava consigo as marcas do ensino fundamental e de sua formação em informática, que não o ajudavam nos planejamentos para o ensino infantil, ele lembra que suas primeiras conversas com a diretora e com a auxiliar de sala, eram sobre isso, pois sua escrita era muito técnica e que ele tinha que repensar, assim ele foi se adequando as exigências da educação infantil. Mas ele relata também que o que realmente o incomodou em alguns momentos, foi a interação com a colega de sala, que já tinha muito tempo de atuação e tinha suas práticas “engessadas”,

com uma visão muito conservadoras a respeito da educação de modo geral. Ele conta que com essa auxiliar, teve muitos atritos, por represálias que limitava a sua forma de propor as aulas para as crianças, mas ele não deixou que esses tipos de ações minassem a sua entrada na educação infantil. E que algumas vezes, teve que ser mais rígido, mais pé no chão para poder passar credibilidade no que ele acreditava e pensava que era melhor para as suas aulas.

Com relação aos pais, ele diz que achava que seria mais difícil, pois sempre teve os olhares de desconfiança e ou insegurança no começo, por parte deles, mas sempre ocorreu tudo bem com as famílias! As suas barreiras, onde acontecia os atritos, eram sempre com as colegas de sala, as formas diferentes de pensar foram um dos maiores problemas na interação dele com as auxiliares e das unidades de ensino. Ele conta que não teve problemas com os pais, mas relata que alguns pais, principalmente de crianças mais pequenas e na maioria das vezes de meninas, no final do ano, nas reuniões, confessavam que ficavam apavorados e com pensamentos: “*nossa, professor homem, isso não vai dar certo de jeito nenhum...*”; mas ele diz que sempre de seu bem com isso, pois ele entende as preocupações dos pais. Ele conta também que em outra creche, ele estava trabalhando com as crianças, uma temática que tinha a ver com as relações sociais e culturais, que é uma referência que se tem na rede de Florianópolis, de um dos documentos que são os núcleos de ação pedagógica, no qual aborda essa temática e dentro dessa perspectiva, ele estava trabalhando com as crianças as formas de se colocar no mundo, em relação aos cabelos, pois na sua turma tinha casos que umas meninas falavam para as outras que o cabelos delas era ruim; então para tentar problematizar e trabalhar isso com as crianças, ele levou essas representações através dos gêneros musicais. E o professor relata que fez um moicano no cabelo, até porque isso representaria a sua preferência musical (metal) e ele poderia problematizar melhor com as crianças! Nisso ele conta que um pai, que era de uma família de filiação religiosa, fez a certa pergunta para ele: “- Você é roqueiro? ”, disse o pai da criança. O professor nessa hora comentou que disse sim, “Sou!”.... E ele ressalta que nesses momentos onde é questionado sobre sua posição, essas ações soam para ele como um enfrentamento, uma forma de recriminar umas posições que ele adota e para lidar com isso, ele comenta: “- Talvez pode ser uma posição meio machista da minha parte, mas eu vejo como uma vantagem nessas horas, o fato de eu ser homem, porque eu consigo firmar a

posição de um jeito assim, “ ó é isso ai! e é! e deu!”, principalmente com relação os pais assim né!”. Mas ele ressalta também, falando: “ – Não que as mulheres não possam fazer isso né, mas que no momento era eu ali, e como professor eu tinha que assegurar a minha posição! ”.

O professor conta também que teve muitas dificuldades, como ele tinha citado anteriormente, suas colegas de sala (auxiliares), foram suas maiores barreiras, nessa profissão que decidiu seguir. Com relação as trocas de fraldas dos grupos de crianças bem pequenas, então ele relata: “- Eu já passei situações por exemplo, de colegas minhas, que tem a mesma formação que eu e tudo, que faz um trabalho interessante e tal. Mas que já chegaram para mim e falaram: “ o teu trabalho não é trocar fralda, vai ficar com as crianças que eu troco as fraldas! ”, E eu tive que romper com isso, e romper eu digo assim inclusive, de certa forma fisicamente, a ponto que de um dia que a pessoa pegou a fralda da minha mão e eu tomei a fralda de volta e falei: “não, eu vou trocar! ”. Então ele comenta que o sentiu com relação a essa atitude da professora: “ – É muito forte isso na educação infantil, porque você é homem, então você não pode trocar as roupas das crianças. ” Fazendo uma representação daquilo que ele sentia da colega professora, ele continua: “ – Eu sou a professora mulher, então é a minha tarefa trocar a fralda. ” E então o professor com que teve que romper com isso, colocando sua posição como professor também que tem a mesma formação e tem o mesma obrigação e responsabilidade da função que ela de fazer as trocas das crianças, como ela tem também a responsabilidade de ficar com as crianças na hora da troca.

O professor conta que se fez firme na posição por vários motivos, o primeiro era para tentar quebrar essa ideia preconceituosa de que a troca de fralda é uma atribuição feminina, por uma questão biológica, pois isso o incomodava demais. E o segundo, era porque o processo de troca de fralda na educação infantil, não só a dimensão do cuidar. E então ele faz uma pequena reflexão: “ - Quando a profissional mulher, se colocava nessa forma, estava subtendido também da posição dela, que trocar fralda era só uma função de cuidado, e como cuidado cabe a mulher e não ao homem, porque o homem é descuidado, atrapalhado.... Mas não era só cuidar, o cuidar, o trocar fralda tem uma dimensão pedagógica também, na rede de Floripa pelo menos, o cuidar e o educar eles não desassociados, eles são articulados! Então processo de troca de fralda, existem vários aspectos pedagógicos que você trabalha ali com a criança; um deles é a própria

dimensão da relação, do afeto.... E quando ela me negava o direito de trocar a fralda da criança, ela negava que eu construísse isso com os bebês! ”. Então o professor via que de certa forma a professora reproduzia uma perspectiva machista, de que a troca de fralda é feminina.... E eu também que tinha uma certa inveja, pelo fato de que um homem conseguia estabelecer com uma criança pequena, uma relação tão ou mais próxima com a criança, que geralmente, é tido como algo do feminino... e como as crianças tem contato com mais de um profissional, elas acabam tendo suas preferencias com relação aos profissionais da educação infantil. ”

Então perguntei a ele, como foi a relação com as crianças, se houve estranhamento no primeiro momento e em casos que as crianças demostram muito afeto, como ele se portava em relação a essas situações? O professor coloca que é fato a presença do professor homem nas creches ainda é mínima, muito baixa, então isso faz com que a presença masculina se destaque, seja uma novidade dentro das instituições, e com relação as crianças, ele diz que acredita que tanto o estranhamento e o encantamento se dão por esse fato. O professor levanta a hipótese que as vezes o estranhamento ou o próprio medo da criança, pode ter sido causado por uma experiência ruim que tenha passado fora das escolas com a presença masculina.... E o encantamento as vezes vem das crianças que não tem tanto contato com a presença masculina.... O professor comenta que pelo fato de ele ter um envolvimento com o meio artístico, que é a música, faz com que o gelo, estranhamento com as crianças se quebre nos primeiros contatos com elas, e acabei virando um atrativo para uma boa relação entre professor-alunos.

O destaca que o espaço da educação infantil é onde ele se sente mais à vontade para seguir atuando, pois ela proporciona o trabalho mais intenso com a dimensão artística, e ele ressalta: “E eu sou defensor da ideia de que isso deveria sair do âmbito só da educação infantil e contaminar de forma positiva os outros seguimentos da educação também! ” E conta que ainda tem a vontade de trabalhando com as crianças do G1, pois atualmente têm trabalhado com o G3.

O professor coloca que é desanimador ver suas colegas de instituição, não se apropriarem dos estudos feitos nas formações se tornando repetitivas as aulas. A falta condições de trabalho, falta de recursos e assistência das prefeituras, e falta de

reconhecimento dos professores pelos cargos políticos. Mas ele levanta que mesmo com esses fatores negativos, desistir não vai ajudar a melhorar a situação na qual vivemos atualmente.